

A organização do ensino no Japão

Do primeiro Jardim da Infância até os nossos dias — Instrução elementar — Educação civica desde os primeiros anos — Papel dos pais — Todo o menino japonês sabe marchar — Escolas de noivas — Como se escolhe uma esposa — Cuidado com a educação física — Desenvolvimento do esporte — O problema da alimentação — Organização universitária — A prática superando a teoria — O plano Hirao e sua aplicação no Brasil — Menos doutores — Escolas de geishas — O major Lima Figueirêdo discorrendo sôbre a instrução no grande império oriental.

Rio, dezembro (Bureau Interestadual de Imprensa) — O major Lima Figueirêdo, observador do Exército brasileiro junto às forças japonesas, em campanha na China, aproveitou a permanência no Oriente para realizar estudos pormenorizados sôbre os aspêctos mais interessante da vida nacional do Japão.

A mesma objetividade com que viu e analisou os problemas brasileiros, (seus livros demonstram um espírito amadurecido na meditação da nossa realidade, seguro na apreensão dos fenômenos e nas conclusões) encontramos nas suas observações sôbre o grande império oriental.

O major Lima Figueirêdo soube penetrar a vida joponesa. Seus olhos lucidos não ficavam nas exterioridades, no pitoresco. Penetraram o espirito desse povo admirável que, em menos de um século, creou uma grande potência, vencendo todos os obstáculos, — os de uma civilização fechada, enquistada em habitos multi-seculares e os de natureza física. Esta ocidentalização rápida revela as grandes qualidades de inteligência e de ação do japonês.

O major Lima Figueirêdo dedicou especial cuidado ao estudo da organização do ensino no império japonês. Sôbre o assunto nos falou longamente, fornecendo-nos dados interessantes e externando-se em observações felizes.

Primeira balisa para a formação do grande Japão

O problema da educação, principiou o nosso entrevistado, foi a primeira balisa para a grandeza do Japão atual. O primeiro "jardim da infância" foi aberto em 1876. Em 1934, contava o país 1.786, com 5.521 professores e 133.735 alunos. Nestas escolas frequentam crianças de menos de três anos, que nelas permanecem até aos cinco. Em cada estabelecimento ha um número limite de 120 alunos e cada professor cuida de 40 alunos no máximo.

Compreenderam as autoridades nipônicas que, desde cedo, se deve inculir no espirito do menino a idéa de um nacionalismo puro e o culto de todos aquêles que trabalham pela grandesa do país.

Estas crianças recebem, no meio dos divertimentos que lhe são proporcionados, o espírito japonês, através de canções, jogos e recitativos.

Educação elementar

Ao sair do jardim da infância, com a idade de 6 a 7 anos, o menino está perfeitamente orientado dentro das diretivas do governo japonês. O objetivo da educação elementar é inculir no pensamento da criança os elementos da moral oriental e dar-lhe uma educação geral, conhecimentos e habilidades, para que possa conduzir-se na vida prática, ao mesmo tempo que cuide do seu desenvolvimento físico.

A criança japonesa, de início, sente muita dificuldade, pois, além do alfabeto denominado "catacana", com quarenta e oito simbolos, ela é obrigada a saber, no mínimo três mil caractéres chineses para lêr os livros elementares. Sucede com isto que uma criança nossa, com 11 anos, tem o raciocinio mais desenvolvido e maior vivacidade do que um joven japonês de 15 a 16 anos. Aquí, como em todo o Ocidente, com vinte ou vinte e dois anos os rapazes já podem enfrentar a vida por si sós.

No Japão, não é assim. Geralmente, o homem termina seus estudos dos 25 aos 27 anos.

Todo menino japonês sabe marchar

Desde os primeiros anos é dada à criança educação militar. Todo o menino japonês sabe marchar. As meninas sabem jo-

gar esgrima japonesa e jiu-jitsu que é ensinado com carinho especial. Apesar dessa educação militar, dada quasi desde o berço, ninguém é dispensado do serviço militar feito na caserna.

A função dos pais

Depois de outras considerações sôbre o ensino militar, continúa o major Lima Figueirêdo, o papel principal na formação da criança nipônica, é exercida pelos pais, no lar. O lar é a primeira escola. Há, para este trabalho, um centro inicial que é exercido nas escolas para noivas.

Escolas para noivas

A curiosidade do reporter se traduz numa pergunta, que o entrevistado dá pressa em satisfazer.

Nas escolas para noivas, que são um curso superior para moças, recebem as alunas toda a instrução necessária a u'a mãe de família e a uma perfeita dona de casa, orientando tudo dentro de um espirito nacionalista às vezes exagerado.

Onde não entra o amor

Quando um rapaz quer casar-se, continúa o major Lima Figueirêdo, comunica seu desejo ao pai. Este vái à escola de moças pedir ao seu diretor informações acêrca de uma mulher trabalhadeira, pontual, caprichosa, patriota, que possa ser a celula inicial da formação da familia do seu filho.

Nem o amor, nem a belesa, nem a graça entram em linha de conta para esta decisão.

Há tambem escolas para noivas de colonos, onde as moças recebem uma educação completa, de modo que possam auxiliar os seus futuros maridos nos trabalhos do campo e da casa.

Tocando neste assunto, cumpre-me declarar que o japonês procura quasi sempre casar-se com uma patricia sua, porque esta tem a mesma formação mental. Todavia, êle se une gostosamente ao branco, mas êste costuma repudiar o amarelo. Pelo contrário, por um complexo de superioridade, o nipon não deseja, nunca, ligar-se ao negro. E daí, a existência quasi que exclusiva de casamentos de amarelo com amarelo.

Excursionismo

Existe no Japão uma prática que deveria ser posta em execução no Brasil. É a das excursões de crianças pelos campos e pelas montanhas. Todo gurí japonês é um escoteiro. Uma vês por semana, pelo menos, êle passeia com seus colegas e professores, que lhes dão ensinamentos diante do livro da natureza. Não se vê, nunca, um menino vagabundo nas ruas. Mesmo nas praias de banho ha professores para ministrar educação física à petizada.

Educação física

O reporter faz uma pergunta sôbre a educação física no Japão.

E o nosso entrevistado continúa: A educação física no Japão possui papel saliente. O instrutor é acompanhado "pari-passu", pelo medico e em todas as escolas há aparelhagem completa que visa o fortalecimento da saúde da criança. O vestuario japonês -- quimono -- mereceu a culpa do fraco desenvolvimento da criança. A menina, principalmente, nasce amarrada no "obi" que lhe alonga o tronco e atrofia os seios. Hoje, nas escolas, todas as meninas são obrigadas a comparecerem com o traje europeu, que lhes permite todos os movimentos. A parte esportiva tomou um desenvolvimento extraordinario e a prova são as performances obtidas pelo Japão nos campeonatos internacionais. O esporte não é praticado em clubes, como em nosso país, e, sim nas Universidades. Estabeleceram-se campeonatos entre elas, com enorme e animada assistencia. Não ha profissionais. Sômente os técnicos vivem do esporte. Muitas vezes, um atleta, ao concluir o curso universitário, ao envez de ir exêrcer a sua profissão, é contratado como técnico, por um certo período, dentro do qual êle é profissional. Os japoneses fazem o esporte não só pelo esporte, como conscientes de que estão trabalhando pelo fortalecimento físico da raça e pelo nome do seu país nas pelepas internacionais, a que forem chamados. Lá não há como aquí, homens que se batem pelo dinheiro e que recebem tratamento como cavalos de corrida.

Hábitos nocivos

Um hábito japonês a ser combatido é o de sentar-se no chão, que traz, como consequencia, ficarem as pessoas com as pernas muito curtas.

Ainda deve ser abolido o costume das crianças serem carregadas nas costas que acarreta ficarem as mesmas com os membros inferiores completamente curvados.

Fica-se com pena das meninas encantadoras que trabalham nas companhias de revistas e apresentam despidas as pernas que são verdadeiros bодоques.

Alimentação

As autoridades nipônicas trabalham afincadamente para fortalecer a sua gente. Um dos cuidados essenciais é o da alimentação da criança. As escolas cuidam, com extremo cuidado, desse problema que, todavia, ainda não foi solucionado totalmente, em virtude da grande pobreza existente em algumas regiões do país.

Notando que havia uma grande mortalidade infantil, foi instituído um curso de estudos para as mães, afim de orientá-las antes e depois do parto. Este curso é de duas horas por dia e durante duas semanas. Multiplicam-se, também, associações — cuja principal é a Associação dos Homens Jovens — que têm por escopo incutir no povo, cada vês mais, o espirito de nacionalidade ou melhor o japonismo, de modo que, mesmo longe da pátria, o nipônico seja sempre nipon. Essas idéias passam a circular nas suas veias como o próprio sangue.

Ensino universitário

O major Lima Figueirêdo tece, ainda, outras considerações sobre o espirito nacional do japonês e, a seguir, aborda o ensino universitário.

— O ensino superior no Japão está extraordinariamente desenvolvido. Há grande número de Universidades. A principal é a Universidade Imperial de Tóquio, que fica no meio de uma grande praça ajardinada e possui cursos de engenharia, medicina, odontologia, direito, agricultura, filosofia, línguas modernas, etc..

As principais cabeças do Japão têm saído dessa Universidade. Seus professores são recrutados entre os homens mais cultos do país e se dedicam, exclusivamente, à sua função.

Ensino eminentemente prático

O nosso entrevistado continúa a sua exposição:

Observei que todo o ensino é orientado dentro de uma finalidade prática. Os alunos de engenharia encontrei-os, por varias vezes, descalços, em manga de camisa, sujos de óleo, trabalhando com interesse sob as vistas de um professor, nos gabinetes e nas oficinas, fóra das horas de estudos. A teoria demasiada é desprezada. Só querem saber da prática. Os nossos engenheiros possuem mais solida cultura teórica que os japoneses. Geralmente, não deduzem coisa alguma, agarrando-se às formulas e tabelas, tendo em vista o resultado immediato.

E' um gosto ver-se as obras de engenharia no Japão. Dada a carência de materias primas, tudo é calculado no limite mínimo. Vigas finissimas, formam pontes e viadutos das estradas de ferro.

O plano Hirao

Um excelênte técnico em matéria educacional, sr. H. Hirao, que foi Ministro da Educação de seu país, organizou um plano que possui o seu nome. De acôrdo com o mesmo, o curso primário passaria de seis para oito anos, o secundário tambem seria aumentado. O numero de universitários, porém, seria diminuido. Na sua opinião, há necessidade de um povo instruido. O número de doutores deve, no entanto, ser o menor possível. Tinha êle tambem em vista evitar a aglomeração de rapazes nas grandes cidades. Instituiu uma verdadeira barreira nos programas de admissão às universidades.

Tive ocasião de palestrar, demoradamente, com o sr. Hirao e acabei-me convencendo de que o seu plano daria resultados no Brasil, país de doutores com um povo analfabeto. Sou portanto, contrário ao funcionamento das Universidades privadas, como vem sucedendo atualmente. Para atingirmos o nivel de 99½% da massa alfabetizada, temos que seguir as pégadas do Japão. Abrir escolas novas e fazer com que o professor fique no interior do país, pois, sou testemunha de ter encontrado, no sertão paranaense, ótimas escolas fechadas por falta de mestres. As nossas professoras tiram os cursos nas escolas normais para permanecer nos grandes centros. Não ha força que as faça seguir para o "hinterland", onde o analfabetismo campeia.

45.903 escolas

Há no Japão, atualmente, 45.903 escolas com 12.760.200 alunos. Isto dá uma escola para cada 100 quilômetros quadrados e 20 alunos para cada 100 pessoas.

No Ministério da Educação funciona, permanentemente, uma comissão de fiscalização e revisão dos livros de estudo. Os livros são padronizados. O professor ministra a aula pelo livro adotado, obrigatoriamente, fazendo com que o ensino seja mais fácil. Por todo o canto do Japão funcionam livrarias. O povo lê muito, quer jornais e revistas, quer livros. Ao Ministro da Educação o govêrno imperial japonês empresta todo o apôio e todos os poderes, fazendo dêle um dos homens mais importantes do país.

Escolas de geishas

Antes de terminar a sua palestra cheia de ensinamentos e rica de observações, o major Lima Figueirêdo ainda fez referência às Escolas de Geishas.

A palavra "geisha" significa arte. De fato a "geisha" é uma artista. Na escola, meninas de 13 a 14 anos, aprendem a servir uma mesa, arranjo de flôres, a cerimonia do chá, noções de inglês, geografia e história, política do Japão, dansas orientais e ocidentais, maneira de portar-se com os homens, etc. A "geisha" exerce papel importante na vida do homem japonês. E' geralmente com ela que se diverte. Nos restaurantes a "geisha" dá a nota alegre. Algumas conhecem perfeitamente até a política interna e externa do país e sabem tornar uma conversa agradável.

Outras são ótimas dansarinas.

Enfim terceiras sabem comover os corações pelas canções.

A "geisha" é necessária à vida japonesa. Sómente delas não gostam as esposas, terminou o major Lima Figueirêdo.